

MEMÓRIAS DA INDÚSTRIA GRÁFICA DE PELOTAS ATRAVÉS DA TRAJETÓRIA DO JORNAL DIÁRIO POPULAR

WEBER, Karina¹; BANDEIRA, Ana²

¹Acadêmica do curso de Design Gráfico da Universidade Federal de Pelotas, bolsista do Programa de Educação Tutorial (PET). karinaweber.rs@gmail.com ²Universidade Federal de Pelotas, Colegiado de Design Gráfico e Digital, Centro de Artes. anaband@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

Uma lembrança é um diamante que precisa ser lapidado pelo espírito. Sem o trabalho da reflexão e da localização, ela seria uma imagem fugida. O sentimento também precisa acompanhá-la para que ela não seja uma repetição do estado antigo, mas uma reparação.

Ecléa Bosi

O trabalho apresentado é parte da pesquisa desenvolvida pelo *Grupo de Pesquisa Memória Gráfica de Pelotas: Um século de design*, que se destina a investigar a história da produção gráfica na cidade de Pelotas no período de 1890 a 1990, pois foi nesta fase que a cidade acompanhou os principais meios de produção que fomentou o desenvolvimento e, mais tarde, a estabilização de uma indústria gráfica local. Além disso, o grupo busca fazer a duplicação digital, o inventário e a catalogação de parte do acervo disponível na Bibliotheca Pública Pelotense, materiais que ilustram tal desenvolvimento, pois muitos deles estão se deteriorando com o tempo. Apesar de o grupo ter vários objetos de pesquisa, o foco do trabalho apresentado aqui é o jornal Diário Popular, o qual foi muito importante para o desenvolvimento de parques gráficos

O que se pretende com estes estudos é compreender e mostrar como surgiram os primeiros impressos na cidade e em qual contexto era possível produzi-los, explicitando os valores das memórias desses objetos gráficos. Ecléa Bosi, em seu livro “Memória e sociedade: Lembrança dos velhos” (1994) faz um estudo sobre memórias que são deixadas de lado por não condizerem mais com a fase contemporânea em que vivemos, afirmando que nossa sociedade desvaloriza o que antigas gerações podem contar. Ainda, diz que mais grave que desvalorizar, é querer esquecer esse passado, pois o que nos interessa de fato é o futuro e aponta para o sistema no qual estamos imersos que não dá voz a esse passado. É reconhecendo a importância dessas memórias que o grupo se organiza para investigar o que esses objetos que formaram a cultura visual de um século de design tem a contar.

Essa volta ao passado é uma maneira de encontrar um fio condutor sobre o que fazemos, como diz também Stuart Hall (2006), atualmente vivemos um momento em que a cultura se vê descentralizada, fragmentada. Com isso, para termos uma base estruturada que justifique e nos situe no momento em que vivemos, voltamos sempre ao passado como explicação do que temos, como meio de identificar quem somos. Analisando a variedade de imagens que se cria atualmente, e os múltiplos discursos que se geram a partir das mesmas, é que se torna necessário essa volta às origens. Não só para compreender esse contexto, mas para uma reflexão sobre as novas imagens que estaremos criando.

Para Rafael Cardoso (2009), vivemos numa era da visualidade, logo, devemos compreender a história das imagens, principalmente se tratando de

designers gráficos. Esses primeiros impressos, acompanhados da história e origem de seu maquinário e seus processos, que os fizeram palpáveis e dos profissionais que trabalhavam para tal feito, é o que cria o imaginário de nossa produção gráfica.

Foi na virada do século 19 para o 20 que as técnicas gráficas acompanharam a modernização. E também se vivenciaram um aumento da tiragem, devido às impressoras mais ágeis (LUSTOSA in CARDOSO, 2009). É nesta época que o jornal Diário Popular foi fundado, no dia 27 de agosto de 1890, por Theodózio de Menezes. Nesta data nascia o mais antigo jornal diário em circulação no Estado para expor os ideais republicanos, tornando-se voz ativa desses pensadores até 4 de dezembro de 1937 quando, devido a uma imposição do estado, os partidos foram proibidos e o jornal passou a ser fonte de comunicação neutra, mantendo não só Pelotas, como a região da zona sul (a quem atende até os dias de hoje), informada dos acontecimentos diários, limitando-se aos interesses gerais. Atenta-se para a localização geográfica da cidade de Pelotas, a qual dispunha na época de um Porto ativo, por onde era possível a chegada de muitas máquinas e equipamentos que viriam compor o cenário gráfico pelotense, além de ter como vizinha a cidade de Rio Grande que também possuía atividade portuária ainda mais significativa, por ter acesso ao mar.

Ao longo do desenvolvimento do jornal, pode-se salientar vários pontos-chave em termos de produção gráfica. Como nos diz Dr. Clayr¹ em entrevista concedida ao grupo, durante as três fases vividas pelo jornal foram-se adquirindo máquinas e atualizando o parque gráfico. Na primeira fase, o jornal era tipográfico, a página era organizada letra por letra para a sua impressão. Contava com uma rotativa Marinoni. O intervalo entre as duas fases se dá por uma pequena paralisação do jornal. Iniciando a segunda fase, com ajuda financeira de colaboradores, o jornal inicia o plano de atualização tecnológica, através da aquisição de novas máquinas de impressão, duas máquinas linotipo e variado material tipográfico. Essa máquina linotipo viria de Porto Alegre, e era a impressora do extinto jornal A Manhã. Sendo a terceira e última fase a da evolução tecnológica, onde o jornal adota o uso dos computadores para a diagramação dos jornais, deixando para trás o antigo processo tipográfico. A impressão passa a ser em off-set, e em formato tablóide. Aos seus 99 anos de existência, adquire a fotocomponedora, publicando nesta edição um novo visual, resultado de um projeto de replanejamento gráfico.

2 METODOLOGIA (MATERIAL E MÉTODOS)

A abordagem do trabalho é qualitativa. Como fonte de informação do caso, iniciamos a pesquisa em algumas edições do jornal Diário Popular do acervo da Bibliotheca Pública Pelotense, edições que remontassem ao início das publicações para entender como iniciaram as atividades desse ramo da produção gráfica. Após, fizemos uma entrevista com o Dr. Clayr Rochefort, membro da diretoria do jornal que em vários momentos exerceu o papel de editor chefe do mesmo, e um dos mais antigos funcionários, a fim de elucidar a trajetória do Diário Popular e obter informações distintas à do material anteriormente analisado. Durante esta entrevista, o Dr. Clayr disponibilizou ao grupo a edição comemorativa aos cem anos de atividade do jornal (composta por 120 páginas divididas em 8 cadernos em

¹ Clayr L. Rochefort. Registro do grupo de pesquisa Memória Gráfica: Um século de design do Curso Superior em Design Gráfico. Diário Popular, 12 maio, 2010. Entrevista concedida a Ana Bandeira, Camila Wohlmuth, Karina Weber e Sibelle de Medeiros.

formato tablóide, impresso em offset que caracteriza a última fase do jornal, já comentada anteriormente). Esta edição possibilita rever a história do jornal desde sua fundação, pois foi escrita para arquivar os acontecimentos vividos pelo mesmo e, para a pesquisa, é de extrema importância, por contar como as máquinas foram sendo adquiridas, por destacar alguns artistas gráficos fundamentais para a evolução do projeto gráfico, além de muitas informações interessantes. Como um dos objetivos da pesquisa era a duplicação do material, fotografamos todas as páginas para disponibilização digital deste material para melhor manuseio do grupo sobre as informações.

Ainda, a partir de uma ficha temática desenvolvida pelo grupo e adaptada ao objeto em questão, sistematizamos algumas informações a fim de facilitar a busca por assuntos específicos, como tipógrafos, contexto, designers, etc.. Se fez, também, a análise de algumas páginas da mesma edição a partir de uma ficha adaptada do modelo desenvolvido pelas mestres e pesquisadoras do grupo, Nadia Leschko e Paula Lima, verificando a composição das páginas, desde sua diagramação, escolha tipográfica, uso de imagens, entre outros pontos, para verificar o que determinado processo de impressão permitia fazer quanto a diagramação da página. Esta análise ainda não está finalizada.

O estudo bibliográfico compreende o livro *Impressos no Brasil, 1808-1930: destaques da história gráfica no acervo da Biblioteca Nacional*, o qual é um dos principais para a pesquisa, pois é um dos exemplos que o grupo toma como referência e pelo qual se motiva a pesquisa em Pelotas. Trata-se do grupo Memória Gráfica do Rio de Janeiro, orientado pelo professor doutor Rafael Cardoso, onde pesquisam o acervo da Biblioteca em busca dos primeiros impressos no país, a instalação das primeiras gráficas e como se deu a história da produção gráfica brasileira. Além do material concedido pelo jornal *Diário Popular*, e demais bibliografias que possam contemplar os conceitos trabalhados na pesquisa.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados obtidos até o momento foram a entrevista com o Dr. Clayr Rochefort, bem como sua degravação; duplicação da Edição Centenária do jornal em arquivos digitais; análises de algumas páginas selecionadas pelo grupo, a partir das diferenças nas resoluções adotadas quanto a diagramação, da mesma edição; e preenchimento de ficha temática a fim de apurar a busca por informações sobre a história do jornal. E também a sistematização e caracterização de algumas das temáticas da pesquisa.²

4 CONCLUSÃO

A memória é um fenômeno que permite a relação do passado com o presente (BOSI, 1994). A Real Bibliotheca desempenhava logo após a sua criação “a função de guardar e preservar a memória da atividade tipográfica desenvolvida no Brasil” (GARCIA in CARDOSO, 2009, p. 13). Através da prática das propinas, todos os impressos produzidos pelas tipografias de Lisboa e da Imprensa Régia do Rio de Janeiro, por determinação régia, deveriam ser remetidos a Real Bibliotheca com o intuito de arquivar estes materiais (Idem, ibidem). Na cidade de Pelotas, notamos que esta mesma preocupação não ocorreu. Muitos dos materiais que encontramos

² No momento a pesquisa segue em desenvolvimento e está concorrendo ao Edital Universal do CNPq.

estavam em péssimo estado e muitos se perderam, o que dificulta muito a pesquisa, mas nos faz perceber a importância dessa busca em arquivar estes impressos que são parte da história da indústria gráfica local.

Através dos estudos realizados sobre o jornal Diário Popular, podemos perceber que Pelotas desde o final do século 19 esteve ativa nas atividades da indústria gráfica, sendo o jornal um importante fomentador deste desenvolvimento, visto que trouxe maquinário para cidade, empregou artistas gráficos colaborando para a rotatividade destes profissionais e com ensinamento prático da profissão. Além da Gráfica Diário Popular Ltda., muitas outras tipografias existiram neste final de século 19 e início do século 20, e nesta época Pelotas contava com mais de cem jornais em circulação. Este ritmo seguiu até pelo menos 1930, quando houve a quebra do Banco Pelotense o que acarretou a estagnação da cidade por um longo período.

Atentos a estas produções gráficas, aos projetos realizados desde o final do século 19, nos colocamos de acordo com Rafael Cardoso, que na introdução de seu livro *O design brasileiro antes do design: aspectos da história gráfica, 1870-1960* defende que antes da aceitação e entendimento da profissão designer, já se praticava design no país. Não é o caso discutir o termo da atividade, mas compreender que “eram exercidas entre nós atividades projetuais com alto grau de complexidade conceitual, sofisticação tecnológica e enorme valor econômico, aplicadas à fabricação, à distribuição e ao consumo de produtos industriais” (CARDOSO, 2005, p. 8). Como Pelotas foi uma cidade em que essas atividades se fizeram presentes e se mantiveram ao longo dos séculos passando por transformações tecnológicas e aperfeiçoamento técnico, fica a reflexão de que talvez por isso se tenha um número relevante de cursos de design instalados aqui atualmente. E mais uma vez, se faz perceber a importância do estudo dessas memórias, que encaminharam para a estabilização e reconhecimento de uma nova área profissional agora imersa nas universidades e no Instituto Federal da cidade.

5 REFERÊNCIAS

BOSI, Ecléa. **Sociedade e Memória: Lembrança dos velhos**. 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

Diário Popular, Pelotas, 25 ago. 1990. Edição centenária.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade / Stuart Hall; tradução Tomaz**. Local de Edição: Editora, ano da publicação.

Impressos no Brasil, 1808-1930 : destaques da história gráfica no acervo da Biblioteca Nacional / [organização, textos e legendas] Rafael Cardoso ; [artigos de Isabel Lustosa, Joaquim Marçal Ferreira de Andrade, Lúcia Garcia]. – Rio de Janeiro: Verso Brasil, 2009.

O design brasileiro antes do design: aspectos da história gráfica, 1870-1960. Organizador: Rafael Cardoso. São Paulo: Cosac Naify, 2005.